

A história do uso político do esporte

Mário André Sigoli¹
Dante De Rose Junior¹

Resumo

SIGOLI, M. A., DE ROSE JR., D. A história do uso político do esporte. **R. bras. Ci e Mov.** 2004; 12(2): 111-119.

As atividades atléticas sempre estiveram relacionadas a instituições nas sociedades passadas. Na Grécia Antiga elas faziam parte da religião e da educação grega. Na época do Império Romano, os Jogos Públicos foram utilizados para alienar o povo, evitando insurreições populares, na chamada "Política do Pão e Circo". Na Europa, entre os séculos XVIII e XIX, surgiu o movimento ginástico, que visava melhorar a saúde das pessoas. No entanto, foi utilizado para o treinamento militar, atendendo aos interesses nacionalistas da época. A regulamentação de jogos populares na Inglaterra fez surgir, em meados do século XIX, o Esporte Moderno. Este, impregnado de valores da Revolução Industrial, foi utilizado pela burguesia industrial para disciplinar os operários. Os Jogos Olímpicos da era moderna propagaram o esporte por todo o mundo. Apesar de este ter se tornado uma instituição independente, continuou a ser apropriado por estados nacionais e por outras instituições. Este fato pôde ser observado na Alemanha nazista durante os Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936, e também durante toda a Guerra Fria. Com o desenvolvimento da mídia, o esporte foi englobado pelas estruturas econômicas do mundo capitalista e tornou-se uma mercadoria da indústria cultural.

PALAVRAS-CHAVE: Esporte, política, instituição, sociedade.

Abstract

SIGOLI, M. A., DE ROSE JR., D. The history of sport's political use. **R. bras. Ci e Mov.** 2004; 12(2): 111-119.

The athletic activities always has been related with other institutions in the last societies. In Ancient Greece they were part of religion and Greek education. In the age of Roman Empire the Public Games were used to alienate the people, avoiding popular insurrections, in the called "Circus and Bread's Policy". In Europe, between the centuries XVIII and XIX, the gymnastics movement arose. This aimed to improve the health of the people. Meanwhile, it was used for military training, attending the nationalistic interest in that period. The regulation of popular games, in England, made arise, in XIX century, the Modern Sport. It was impregnated of values from Industrial Revolution, and it was used, by the bourgeoisie, to discipline the workers. The Olympic Games of the modern age has diffused the sport around the world. Although the sport has become an independent institution, it continued to be appropriate by national states and by other institutions. This fact could be observed in the nazis Germany, during the Olympic Games of Berlin, in 1936, and also happened during all the Cold War. With the media development, the sport was englobed for the economics structures of the capitalism world and became a merchandise of the cultural industry.

KEYWORDS: Sport, policy, institution, society.

¹ Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo. Departamento de Esporte

Recebido: 22/05/2003
Aceite: 17/02/2004

Introdução

O Esporte e a Educação Física tiveram em diversos momentos da história uma função ligada aos interesses políticos e estratégicos das instituições sociais e dos Estados.

Na antiguidade, o Esporte, de forma geral, não tinha uma finalidade em si mesmo. Era sempre um elemento interno de instituições militares, educacionais ou ainda religiosas. As atividades atléticas tiveram seu desenvolvimento a partir de ações utilitárias que visavam simular situações de combate, caça e rituais religiosos (21).

Na Grécia Antiga, as atividades atléticas e ginásticas faziam parte do ideal grego de formação integral do homem. Além de possuir valores morais e pedagógicos, o Esporte era utilizado, na época escolar, como preparação militar para os jovens. Os jogos gregos tinham caráter predominantemente religioso, neles eram homenageados os Deuses do Olimpo. Os Jogos Olímpicos significaram o intercâmbio cultural entre as cidades-estado gregas e eram realizados para celebrar a paz entre os povos gregos (9).

Na História de Roma surgiram os Jogos Públicos, configurados em grandes espetáculos realizados nos circos e anfiteatros, onde ocorriam corridas de bigas, lutas entre gladiadores, combates com feras e execuções. Na época do Império Romano os Jogos foram utilizados na “Política do Pão e Circo” para alienar a população diante das ações antipopulares do Imperador (11).

No século XIX, uma série de eventos reafirmou a instrumentalização política do Esporte e da Ginástica. Inspirados pelas idéias iluministas, vários filósofos e pedagogos desenvolveram métodos de treinamento físico que culminaram com o surgimento das Escolas Ginásticas Européias. As principais vertentes do movimento Ginástico foram: a Escola Dinamarquesa de Nachteggall, a Escola Sueca de Pter Henrik Ling, a Ginástica francesa idealizada por Amoros e Clias e a Escola Alemã influenciada pelas idéias de Guths Muths, Badow e Friedrich Jahn. Estas escolas visavam o desenvolvimento pedagógico, higiênico e social do homem. As escolas ginásticas foram amplamente utilizadas na preparação militar, incitavam o nacionalismo e foram instrumentos militares nas guerras napoleônicas e nas guerras de unificação da Alemanha (18).

Na Inglaterra, o movimento de regulamentação dos jogos populares, ocorrido nas escolas aristocráticas (*Public Schools*), culminou no surgimento do Esporte Moderno, que foi institucionalizado pelo associacionismo (clubes e federações) no final do século XIX. O esporte foi utilizado como instrumento de disciplina e fortalecimento do trabalhador visando evitar faltas e aumentar a produção nas fábricas. A Inglaterra foi o berço da Revolução Industrial, tornando-se uma grande potência econômica. O poderio econômico aliado a sua imbatível esquadra marinha fez da Inglaterra a grande potência Imperial do século XIX, com colônias e áreas dependentes em todas as partes do globo. Juntamente com as fábricas têxteis e a ferrovias, a Inglaterra exportou o esporte para todo o mundo, caracterizando uma grande difusão cultural (10).

Outro evento esportivo importante do século XIX, que se tornou ferramenta política dos Estados, foi o Olimpismo desenvolvido por Pierre de Coubertin em um congresso na

Universidade de Sorbonne, em 1894. O movimento olímpico foi inspirado no Esporte Britânico e nas descobertas arqueológicas de meados do século XIX a respeito da antiguidade grega e dos Jogos Olímpicos. Em 1896 o movimento Olímpico restabeleceu a realização periódica dos Jogos Olímpicos. Os Jogos Olímpicos Modernos foram responsáveis por uma grande propagação do Esporte pelo mundo, além disso, a participação nos jogos agregou o sentimento de representação nacional e muitos países utilizaram este valor para angariar prestígio político internacional (12).

A idéia de nação poderosa constituída por cidadãos fortes e saudáveis fez com que os estados totalitários utilizassem o esporte como veículo publicitário de seus regimes políticos, fato ocorrido nos Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936, que foram usados como propaganda do Estado nazista alemão, servindo para unir os alemães em torno do sentimento ultranacionalista do nazismo, divulgando também a suposta superioridade da raça Aariana, ideais estes de Adolf Hitler (14).

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, o mundo se dividiu em dois blocos políticos e militares antagônicos, caracterizando a divisão bipolar do poder mundial. De um lado, posicionou-se o bloco socialista liderado pela União Soviética e de outro, o bloco capitalista, sob a liderança dos Estados Unidos. Estes dois países protagonizaram nas décadas de 60, 70 e 80 a Guerra Fria caracterizada pela disputa ideológica e estratégica dos blocos conflitantes. Junto às pressões bilaterais, o Esporte foi inserido como arma ideológica na disputa pelo prestígio político. Os campos e ginásios esportivos se transformaram em locais de batalha e os Jogos Olímpicos foram palco de uma disputa política que culminou com os boicotes dos Jogos de Moscou em 1980 e Los Angeles, em 1984 (13, 16).

No mundo contemporâneo, o Esporte passou a compor as estruturas neoliberais da economia de mercado, transformando-se em uma grande instituição financeira que representa os interesses das corporações transnacionais, as quais ditam as regras no mercado mundial (4).

O Estado utiliza o Esporte porque este é facilmente instrumentalizado politicamente pelo poder institucionalizado (4). O Esporte reúne as seguintes características que o tornam suscetível à utilização política:

- É uma atividade com regras de fácil compreensão, sendo utilizado como elemento de comunicação de massa portador de uma linguagem simples. O Estado, por meio desta linguagem, utiliza o elemento de tensão emocional do Esporte para veicular os seus objetivos e ideologias;
- Oferece à população a possibilidade de identificação com o coletivo e com as aspirações patrióticas dando sentido de união nacional;
- É um elemento alienador que permite ao espectador a compensação para as tensões e aflições da vida cotidiana;
- A apropriação do atleta como representante do sistema, os sucessos esportivos fornecem prestígio político;
- O Esporte é reflexo da concepção de valores existentes na sociedade na qual está inserido. Isto lhe confere uma neutralidade interna, permitindo que o direcionamento político seja determinado de fora do seu contexto.

O esporte na Grécia Antiga

Devido à fragmentação política do território, ocorriam na Grécia antiga diversas guerras e disputas territoriais. Em função destes conflitos a organização social das cidades gregas valorizava a militarização, sobretudo nas cidades alinhadas a Esparta. Em Esparta o cidadão era criado com o propósito de servir aos objetivos da sociedade e sua educação era voltada para a preparação militar. As atividades atléticas e ginásticas eram amplamente utilizadas neste contexto educacional. Dos 7 aos 21 anos, o jovem espartano freqüentava instituições escolares estatais cujo currículo valorizava predominantemente as práticas esportivas com fins militares. A educação espartana, além de proporcionar uma hegemonia militar, também refletia o domínio de Esparta na disputa dos Jogos Olímpicos (25).

Os Jogos Olímpicos da Grécia Antiga tinham grande caráter religioso e eram realizados em Olímpia, nos arredores do templo de Zeus. Além dos jogos atléticos, em seu programa havia inúmeras cerimônias religiosas, oferendas e sacrifícios, em honra ao deus supremo dos gregos. No entanto, a instauração dos Jogos Olímpicos tem origem em um ato político. Em 884 a.C. foi assinado um tratado de paz entre os reis das cidades-estado de Pisa, Esparta e Elis. O tratado, chamado Ekeheiria, propôs a realização dos jogos em Olímpia para celebrar a paz entre as cidades gregas. Durante os doze séculos nos quais os Jogos Olímpicos foram disputados, imperou na Grécia a trégua sagrada nos períodos em que os jogos eram realizados. A cada quatro anos os conflitos e guerras cessavam para que os gregos pudessem disputar os jogos sagrados de forma harmoniosa. Este evento foi responsável por uma grande difusão cultural e religiosa em todos os povos que habitavam a Grécia antiga, criando a identidade helenística (9, 16, 25).

A utilização política das atividades atléticas na Grécia antiga abrangia, além do uso das mesmas para a preparação militar, a realização de Jogos com o intuito de promover um relacionamento político saudável entre as cidades estado. O estabelecimento da paz sagrada, durante a realização dos Jogos Olímpicos, simbolizava o contrato entre os governos das cidades e dava um sentido de identidade entre os povos gregos.

Os jogos romanos e a “política do pão e circo”

A Cultura Romana realizava jogos religiosos nos grandes circos e anfiteatros nos dias de festas sagradas e nos feriados. Esses jogos eram oferecidos pelos governantes romanos ao povo e serviam para aliviar as tensões sociais. A função alienadora dos Jogos Romanos já era aplicada durante a República, quando os jogos simbolizavam a pacificação entre os patrícios (aristocratas) e os plebeus (povo). No entanto, foi na era do Império Romano que os jogos alcançaram o apogeu, tornando-se grandes espetáculos e reunindo milhares de pessoas (21).

Os Jogos Romanos tiveram papel importante durante o Império. Nesta época de grandes conquistas territoriais e expansão externa, as políticas sociais internas muitas vezes

eram sonegadas, causando a ira da população. Para evitar rebeliões e levantes populares os imperadores adotaram a “Política do Pão e Circo” (*panis et circences*). Nesta política, o calendário de jogos foi expandido, chegando ao número de 175 dias festivos, quando eram oferecidos os jogos e cotas de pães à população (11, 21).

Ao contrário dos Jogos Gregos, repletos de honra e disputas leais, os Jogos Romanos eram caracterizados por espetáculos bizarros e sangrentos, contendo lutas armadas que se prolongavam até a morte dos gladiadores, lutas contra animais selvagens (tigres, leões e panteras) e execuções de criminosos e cristãos. Também eram realizadas corridas de bigas como uma herança grega (11).

O uso do espetáculo dos Jogos Públicos como ferramenta política dos governantes romanos é análogo à instrumentalização sofrida pelo esporte na era contemporânea, quando a mídia bombardeia os espectadores com notícias esportivas, causando um desvio na atenção e consciência das pessoas para assuntos importantes da política e do cotidiano.

As escolas ginásticas: educação, saúde e nacionalismo

A Educação Física moderna sofreu influências dos pensadores iluministas do século XVII e XVIII, com enfoque para Jean Jacques Rousseau (1712-1778), cuja obra colaborou com a criação de um novo método educacional e uma nova visão de homem. Rousseau afirmava que a criança deveria ser educada livre das influências negativas dos pais e das instituições da sociedade, sobretudo da Igreja, grande condutora ideológica da época. Para Rousseau, a educação deveria estar na autonomia da vontade e na razão. Rousseau valorizava em seus preceitos educativos a formação moral e física do jovem. Esta condição abriu espaço para o desenvolvimento da Educação Física e influenciou um grande número de estudiosos e pedagogos em diversos países da Europa, culminando com o surgimento das Escolas Ginásticas (18).

As Escolas Ginásticas surgiram na Europa no início do século XIX e tiveram desenvolvimento simultâneo em diversos países, o que favoreceu o intercâmbio de informações e tendências. Os objetivos gerais do movimento ginástico europeu estavam voltados ao desenvolvimento pedagógico, higiênico e militar do homem, buscando preparar os jovens para a vida e para a prestação de serviços à sociedade (11).

Na Dinamarca, o pedagogo Franz Nachteggall (1777-1847) é considerado o idealizador de uma doutrina ginástica altamente pedagógica, sendo o precursor de diversas escolas e institutos voltados à prática. A ginástica Sueca foi implantada por Per Henrik Ling (1776-1839) e teve influência dinamarquesa. Ling desenvolveu uma ginástica essencialmente educativa e social, exaltando os benefícios à saúde e a serviço à pátria via a ginástica de preparação militar (18, 21).

Na França, a ginástica foi introduzida inicialmente pelo general espanhol Francisco Amoros (1769-1848), auxiliado pelo oficial suíço Enrico Clias (1782-1854). Amoros



reconheceu a existência de quatro tipos de ginástica na França, cada qual com a sua função:

- A ginástica civil ou industrial, que tinha por objetivo fortalecer os cidadãos para o cumprimento de suas tarefas e trabalhos;
- A ginástica militar, utilizada na preparação dos contingentes do exército;
- A ginástica médica de cunho higienista, atendendo às necessidades da saúde da população;
- A ginástica funambulesca, praticada por malabares em apresentações cênicas e circenses (11, 18).

Guths Muths, o pedagogo alemão considerado o pai da ginástica pedagógica moderna, escreveu extensa obra de onde podem ser destacados os seguintes livros: “A Ginástica para a Juventude”, de 1793 e “Livro de Ginástica para os Filhos da Pátria”, de 1817, que destacava o nacionalismo e a nobreza do povo alemão. As obras de Guths Muths influenciaram toda uma geração de pedagogos da qual surgiu Friedrich Ludwig Jahn (1778-1852), que desenvolveu profundamente a ginástica militar prussiana de cunho nacionalista e político, incitando a juventude patriótica a se preparar para as guerras de unificação da Alemanha (11, 18, 21).

Apesar dos grandes avanços pedagógicos, científicos e higienistas provocados pela evolução das escolas ginásticas européias, foi sensível a importância dada ao uso dos exercícios com objetivos militares. As instituições educacionais e militares passaram a utilizar métodos ginásticos na preparação de exércitos e na propagação ideológica e nacionalista. Estas prerrogativas políticas e militares das escolas ginásticas permaneceram no século XX, acompanhando o desenvolvimento da Educação Física pelo mundo.

O esporte moderno: a grande ferramenta

No último quarto do século XVIII, ocorreu na Inglaterra uma grande evolução científica, tecnológica e econômica. Impulsionada pela estruturação política estável da monarquia parlamentar e pelo pensamento racionalista do Iluminismo, em meados de 1760, ocorreu a Revolução Industrial. Este movimento acompanhou um grande êxodo rural que favoreceu o crescimento urbano e o fornecimento de mão de obra para as indústrias (19).

A Revolução Industrial influenciou a mudança na forma de se pensar o mundo. O pensamento racional foi direcionado a formas de otimização da produção, através de processos que visavam ao acúmulo de capitais (20).

O esporte moderno se desenvolveu paralelamente ao processo de industrialização herdando dele a racionalização, sistematização e a orientação ao resultado. A origem do esporte na Inglaterra está em jogos e recreações populares, assim como em algumas atividades lúdicas da nobreza britânica. As modalidades esportivas foram concebidas pela regulamentação destas práticas. O esporte moderno foi regulamentado nas escolas aristocráticas inglesas “Public Schools”. A educação nessas escolas era muito rígida e formal, visando preparar futuros dirigentes políticos,

empresários e legisladores. No entanto, nos períodos de tempo livre, os estudantes tinham autonomia para praticar as atividades que bem entendessem. De maneira geral os jovens se entretinham com atividades de moral duvidosa, invadiam propriedades privadas, cometiam atos de vandalismo, beberagens, arruaças e com frequência praticavam jogos populares de forma violenta e vulgar (8, 10).

Em função da má fama gerada pelos atos dos estudantes das “Public Schools”, foi colocada em questão a reforma educacional nas escolas aristocráticas inglesas, sobretudo no que dizia respeito à regulamentação das atividades do tempo livre dos alunos. Esta reforma teve destaque no colégio de Rugby sob a direção do pedagogo e sacerdote Thomas Arnold, que assumiu a direção em 1828 e implantou uma série de regras para as atividades e jogos com o intuito de reduzir a violência e atribuir valores educacionais a práticas esportivas. A linha pedagógica de Rugby foi modelo para o sistema de educação das escolas inglesas, fazendo do esporte componente curricular fundamental que visava atribuir valores de liderança e disciplina aos futuros dirigentes ingleses (5, 11).

Na sociedade inglesa, o desenvolvimento do esporte moderno foi influenciado pelos preceitos oriundos das escolas. A sistematização dos jogos populares e das atividades recreativas foi implantada pelos legisladores e empresários formados pela linha educacional de Rugby. Sob o pretexto de melhorar a saúde e combater vícios, foram implementadas diversas campanhas e leis contra os jogos populares, que também eram acusados de incitar a violência e ocasionar faltas ao trabalho, causando prejuízos ao sistema de produção industrial capitalista. Foram instituídas nas fábricas atividades físicas regulamentadas que visavam manter a saúde dos trabalhadores, aumentando a produção e diminuindo as faltas (10, 11).

A burguesia industrial inglesa usou habilmente os princípios educativos do esporte para desenvolver junto à classe proletária valores como disciplina, hierarquia, rendimento. Assim, a regulamentação da prática esportiva dos trabalhadores atendeu aos interesses de doutrinação da burguesia, sob o pretexto da higienização e conseqüentemente da melhora da saúde.

O esporte atingiu na Inglaterra todos os segmentos da sociedade e teve a igreja e as escolas estatais como agentes propagadores de grande importância. As igrejas, com o objetivo de atraírem fiéis, construíram ao lado de seus templos campos de futebol, onde eram disputadas partidas após as cerimônias nos finais de semana. As escolas estatais incluíram o esporte em seus programas seguindo determinações do governo e foram importantes agentes de massificação da prática esportiva (10).

No último quarto do século XIX, com o desenvolvimento das atividades esportivas e o surgimento de ligas e campeonatos, nasceu a figura do espectador esportivo. Foram construídos estádios que abrigavam grande número de torcedores. O crescimento do número de espectadores fez com que o esporte fosse utilizado como forma de alienação dos trabalhadores que aos sábados, após o expediente, dirigiam-se em massa aos estádios para assistir aos jogos das equipes de suas respectivas fábricas. As fábricas fundaram diversas equipes constituídas por seus operários. A disputa esportiva entre as empresas gerou a idéia de





fidelidade entre o trabalhador e a fábrica através dos laços de afetividade proporcionados pela tensão emocional provocada nos embates esportivos. A discussão esportiva desviava a mente dos trabalhadores de problemas empregatícios e de organizações sindicais. Os operários que se destacavam nas equipes esportivas recebiam benefícios, horários para treinar, dias de folga e bonificações (4, 10).

Em fins do século XIX, o esporte arrastava multidões aos estádios. Surgiu então o interesse jornalístico sobre os jogos e competições esportivas. A princípio os jornais se limitavam a noticiar os resultados, mas com o aumento do interesse dos leitores pelas seções esportivas foram criados novos espaços, crônicas, colunistas e entrevistas que formataram uma nova linguagem jornalística, dando espaço para o crescimento da discussão popular do esporte no cotidiano. Os órgãos governamentais perceberam o poder de abrangência do esporte e passaram a fazer uso de suas estruturas. Ocorreu a estatização de entidades esportivas o que trouxe ao esporte o sentimento de patriotismo e representação nacional, sobretudo com a convocação de seleções para disputa campeonatos internacionais. O Estado usurpou do esporte valores como prestígio político e econômico internacional (10).

A Inglaterra se firmou no século XIX como a grande potência imperial do mundo. Amparada por um imenso poder econômico proveniente da grande produção industrial e também pela soberania militar de sua marinha, a Inglaterra expandiu seu domínio por todas as partes do globo. Esta posição possibilitou a exportação de tecnologia e empresas para suas áreas coloniais, sobretudo nas áreas têxteis, de energia elétrica e ferroviária. Junto a essas empresas foi exportado para o mundo todo o modelo esportivo inglês. Este fato favoreceu a difusão cultural junto aos países dependentes da Inglaterra (23).

O olimpismo: o nobre ideal corrompido

No final do século XIX, o pedagogo humanista, Pierre de Coubertin, foi incumbido de buscar novos modelos para a educação na França. Após uma série de viagens pela Europa e pelos Estados Unidos, Coubertin retornou a seu país determinado a implantar uma teoria pedagógica inspirada principalmente no sistema educacional inglês e também sob forte influência da obra do arqueólogo alemão Ernst Curtius, que havia encontrado ruínas da Grécia clássica em escavações realizadas em 1952 (6).

Do modelo educacional inglês, Coubertin absorveu os valores pedagógicos do Esporte para a formação de cidadãos honrados e líderes enérgicos. O Esporte tinha por preceitos a competição, a regulamentação das atividades e o jogo limpo “*fair play*” (12).

As escavações na Grécia revelaram a educação helenística denominada Paidéia. Esta educação visava, sobretudo em Atenas, a formação global do homem, aliando conhecimentos de filosofia, de gramática e musicais à prática de exercícios ginásticos e atividades atléticas (25).

Coubertin também reteve da obra de Ernst Curtius os princípios que levaram os antigos gregos a realizarem os Jogos Olímpicos: a celebração da paz e o ideal puro da luta

pela vitória em busca de ser o melhor e aproximar-se dos deuses. Coubertin incluiu o esporte nas escolas francesas através de um amplo projeto pedagógico, que contemplou a restauração dos Jogos Olímpicos (9).

Em 1894, ocorreu na Universidade de Sorbonne um grande congresso esportivo reunindo dois mil delegados de 12 países. Sob a organização do Barão de Coubertin, o congresso abordou diversos temas do Esporte, entre os quais tiveram destaque o anúncio oficial da restauração dos Jogos Olímpicos, a discussão sobre amadorismo e profissionalismo e a nomeação de um Comitê Internacional encarregado da restauração dos Jogos (Comitê Olímpico Internacional). Por ocasião do congresso foi definida para 1896, em Atenas, a realização da primeira edição dos Jogos Olímpicos da Era Moderna (7).

O projeto de Coubertin buscou instituir um conjunto de idéias nobres denominado ideário olímpico, ou Olimpismo, ao qual estariam sujeitos os participantes dos Jogos Olímpicos. O preceito básico do Olimpismo era o amadorismo, que pregava uma prática desinteressada das atividades esportivas, não sendo permitida a remuneração dos participantes em função de sua atuação esportiva (6).

O Ideário Olímpico lançou em 1896 a carta olímpica, que tinha por principais objetivos (2):

1. Promover o desenvolvimento das qualidades físicas e morais que são a base do esporte;
2. Educar a juventude através do espírito esportivo para um melhor entendimento e amizade entre os povos, ajudando a construir um mundo melhor e mais pacífico;
3. Espalhar os princípios olímpicos pelo mundo, criando a amizade internacional;
4. Unir os atletas do mundo a cada quatro anos em um grande festival esportivo, Os Jogos Olímpicos.

Coubertin ainda afirmava que o movimento olímpico e o Comitê Olímpico Internacional eram instituições apolíticas e independentes que visavam promover o Esporte pelo mundo. No entanto, a restauração dos Jogos Olímpicos criou a idéia de representação esportiva nacional e com o passar das edições esta condição gerou um sentimento patriótico nos atletas e na população dos países participantes. A mídia daquela época, representada maciçamente pelos jornais, passou a noticiar cada vez mais os feitos esportivos, aumentando consideravelmente o alcance desses acontecimentos.

O esporte exaltou elementos simbólicos da pátria, tais como bandeiras e hinos, que foram exibidos ostensivamente em cerimônias de abertura e de premiação nos Jogos Olímpicos. Percebendo o grande poder convocatório e nacionalista do Esporte, os governos passaram a investir na preparação das seleções nacionais em busca do prestígio obtido com as vitórias esportivas (10).

Contudo, as nobres idéias de Coubertin foram utilizadas para objetivos outros àqueles previstos pela carta olímpica. Os Estados passaram a usufruir os valores do Esporte em benefício próprio na disputa de prestígio internacional para seus respectivos regimes políticos. Desde então, os Jogos Olímpicos não representam apenas a confraternização entre os povos ou a busca de um melhor desenvolvimento humano, mas também a disputa de interesses políticos e econômicos de Estados e corporações.



A Olimpíada de Berlim –1936 e a Propaganda Nazista

Um momento histórico bastante característico no que diz respeito ao uso político do esporte foi a olimpíada de Berlim em 1936. Naquele período a Alemanha era governada pelo nazismo tendo como líder supremo e totalitário Adolf Hitler.

As origens do nazismo remontam aos movimentos nacionalistas de extrema direita que surgiram após a primeira guerra mundial como resposta à ascensão socialista provocada pelos ideais da revolução Bolchevique na Rússia em 1917. Os movimentos extremistas de ultradireita eram intensamente nacionalistas, xenófobos, incitavam a violência militar e policial, eram antiliberais, antidemocráticos, antiproletários e anti-socialistas. As condições para o triunfo da ultradireita eram: uma Europa abalada pela guerra, uma massa de cidadãos desencantados e desorientados, fortes movimentos socialistas avançando na sociedade e um forte ressentimento nacionalista contra os tratados de paz do pós-guerra (13).

A ascensão do nazismo na Alemanha foi favorecida pelas humilhações sofridas pelo povo em função das imposições do tratado de Versailles após a primeira guerra mundial, que responsabilizou a Alemanha pelo conflito, obrigando-a a pagar pesadas reparações. Estas penalidades e sanções geraram uma grave crise econômica em 1923. Outro fator que colaborou com o nazismo foi o temor de que a revolução comunista ocorrida na Rússia contaminasse a Alemanha. Por fim, Hitler se aproveitou da grande depressão econômica mundial de 1929 para acionar os projetos políticos que estabeleceram o nazismo na Alemanha em 1933, criando um quadro de supressão dos direitos civis, e de autonomia do Estado totalitário governado pelo partido único nazista.

Uma vez no poder, Hitler iniciou uma campanha de perseguição aos opositores do governo, comunistas e judeus. Combateu o desemprego com frentes especiais de trabalho e incentivos à indústria, em busca de autonomia econômica, o que sustentou os ideais de expansão do III Reich, culminando na eclosão da Segunda Guerra Mundial quando Hitler invadiu a Polônia em 1939 (15).

Em 25 de abril de 1931, o Dr. Theodor Lewald, secretário geral do Comitê Olímpico Alemão, apresentou as intenções da Alemanha em sediar os jogos de 1936 na cidade de Berlim. Como argumento, o Dr. Lewald apresentou os projetos em andamento para a construção de estádios e instalações esportivas. Também lembrou que a Alemanha havia sido escolhida para sediar os jogos de 1916, que acabaram não se realizando em função da Primeira Guerra Mundial. Assim Berlim foi eleita (14).

Em 1931, a Alemanha era governada pela República de Weimar. A realização dos Jogos Olímpicos seria utilizada para exaltar a honra do povo alemão, abalada pelas imposições humilhantes do tratado de Versailles. No entanto, em 1936, os jogos acabaram representando os interesses de propaganda do governo totalitário nazista, e tornaram-se um marco de referência da utilização do esporte para fins políticos.

Hitler assumiu o cargo de chanceler alemão em 30 de janeiro de 1933 e convocou novas eleições para março, no

intuito de obter maioria do partido nazista no parlamento “Reichtag”. No dia 27 de fevereiro, um lunático comunista patrocinado pela S.A. (polícia nazista), incendiou o parlamento. Hitler usou o pretexto para dissolver o partido comunista e prender parlamentares do Partido Social Democrata. Com isso o Partido Nazista conseguiu maioria nas eleições de março e aprovou o “voto de confiança” a Hitler, concedendo ao Chanceler poderes ditatoriais. Com a morte do presidente Hindenburg, em agosto de 1933, Hitler assumiu também o cargo de presidente. Investido de plenos poderes, Hitler dissolveu os outros partidos e impôs uma caçada aos opositores do governo e aos não arianos judeus (15).

Os judeus foram expulsos dos clubes esportivos e das equipes olímpicas alemãs. O COI repreendeu o Comitê Alemão que, aparentemente, voltou atrás da decisão repatriando alguns atletas judeus exilados. A ascensão de Hitler ao poder colaborou diretamente com o comitê de organização dos Jogos Olímpicos, que foi amplamente amparado financeiramente pelo Estado. A Olimpíada de Berlim representou para Hitler uma grande oportunidade de divulgar internacionalmente a imagem poderosa da Alemanha Nazista. O ministério de propaganda nazista, chefiado por Goebbels foi acionado para veicular a publicidade dos jogos nazistas. Hitler convocou o exército alemão para auxiliar nas obras dos conjuntos esportivos e da vila olímpica. Também, promoveu frentes de trabalho, utilizando o grande contingente de desempregados da Alemanha daquela época (14).

A intensa participação do Estado Nazista e do Exército Alemão na organização dos jogos fez surgir nos Estados Unidos, na França, na Inglaterra e em outros países europeus suspeitas quanto à intenção de utilização política dos jogos por parte dos nazistas. Foram iniciadas diversas campanhas contra a participação na Olimpíada de Berlim. Estas campanhas eram lideradas pelos grandes jornais, por associações judaicas, universidades e tiveram representação nos governos desses países. Os comitês olímpicos dos EUA, da França e da Inglaterra chegaram a proibir a participação de suas delegações, alegando não estarem dispostos a colaborar com a política nazista. Outro receio era a perseguição racial sofrida pelos judeus na Alemanha. Alguns países não se sentiam seguros em levar seus atletas de origem judaica e negra para os Jogos de Berlim. O boicote só foi revertido após uma série de medidas e compromissos firmados pelo governo alemão junto ao COI. Tais medidas camuflaram a perseguição aos judeus. No entanto muitos países só confirmaram presença em Berlim após a realização dos Jogos Olímpicos de Inverno realizados em Garmisch-Partenkirchen na Alemanha, onde não foram presenciadas manifestações anti-semitistas de qualquer espécie, prevalecendo uma calorosa receptividade forjada por determinação do Estado (14).

A máquina do Estado Nazista organizou a melhor edição dos Jogos Olímpicos até então. A população foi orientada a receber bem os participantes. Os hotéis e restaurantes receberam a determinação de atender bem a todos relevando os preceitos racistas. Os jornais e boletins oficiais de perseguição aos judeus foram recolhidos. Os cartazes anti-semitistas foram retirados dos locais públicos. O Exército e a Polícia Nazista S.A. ocuparam Berlim durante os jogos. A



cidade foi decorada com bandeiras e pinturas ostentando os aros olímpicos e a suástica nazista. Hinos nazistas e olímpicos eram entoados a todo tempo nos alto-falantes instalados pela cidade. Imagens dos jogos foram reproduzidas em telões espalhados pelas praças de Berlim. Durante os jogos, todas as ações exaltavam a ordem e a glória do governo nazista do III Reich. As cerimônias, desfiles e uniformes deixavam a impressão militar e belicosa aparentes (14).

Além de mostrar ao mundo a força do governo nazista e a organização implementada pelo mesmo, Hitler também tinha a intenção de comprovar a supremacia da raça ariana nas provas atléticas dos jogos. No entanto, a hegemonia alemã foi ameaçada pela equipe de atletismo dos Estados Unidos, composta entre outros, por dez atletas negros que conquistaram oito medalhas olímpicas de ouro. Com destaque para o atleta negro Jesse Owens, ganhador de quatro dessas medalhas de ouro, nos 100 e 200 metros rasos, no revezamento 4x100mts e no salto em distância, prova em que derrotou o campeão europeu e alemão Luz Long. Após a vitória de Owens, Hitler deixou o estádio irritado, sem cumprimentá-lo como havia feito até então, com os demais campeões. Hitler conseguiu mostrar ao mundo o poder totalitário do nazismo alemão e impressionou a todos com a organização social promovida pelo mesmo, mas não teve sucesso em demonstrar a suposta supremacia racial dos alemães arianos, que foram derrotados por atletas negros, asiáticos e judeus. Todavia, a anfitriã, com a maior delegação dos jogos, conquistou o maior número de medalhas olímpicas, 90 contra 56 dos Estados Unidos (6).

O esporte: arma ideológica na Guerra Fria

O conflito entre duas potências mundiais, denominado Guerra Fria, teve início após o término da Segunda Guerra Mundial. Este embate se estendeu pela segunda metade do século XX e foi protagonizado pelos Estados Unidos e pela União Soviética em uma grande disputa ideológica e armamentista.

Após a Segunda Guerra Mundial, uma série de acordos e conferências entre Roosevelt, Churchill e Stalin dividiram o mundo em dois pólos de influência, que definiram o equilíbrio do poder sobre uma estrutura bipolar. De um lado, os países socialistas alinhados à URSS e de outro os países capitalistas liderados pelos EUA. A Guerra Fria foi caracterizada por uma grande corrida armamentista, quando os dois blocos mediam o poderio de destruição nuclear. O equilíbrio nuclear não representava a real intenção em usar este tipo de armamento, o que asseguraria a destruição mútua. Por isso a Guerra Fria foi um combate de tensões e ameaças apocalípticas que deixaram o mundo à sombra da guerra até o final da década de 80 com a queda do muro de Berlim e o declínio e esfacelamento da União Soviética (13).

O conflito soviético-americano confrontou duas potências imperiais. De um lado, o Império de Moscou territorialmente contíguo com força militar terrestre e estratégia política de expansão das áreas subjugadas; de outro lado, colocou-se o império norte americano constituído de áreas de influência espalhadas por todo o globo,

interligadas por uma força militar predominantemente marítima. O objetivo estratégico dos EUA era cercar o império soviético em uma política de contenção do avanço territorial socialista. O expansionismo soviético e o contencionismo americano ocorreram na disputa pela Eurásia, o grande continente basilar formado pela Europa e pela Ásia, que contém a maior parte dos recursos naturais e riquezas do planeta e a maioria da população mundial (3).

Neste contexto o esporte foi usado como instrumento ideológico e de propaganda por ocasião de competições internacionais e Jogos Olímpicos. Foi uma arma simbólica dos blocos opostos, transformando piscinas, ginásios e estádios em campos de batalha. As vitórias esportivas foram usadas para reafirmar o prestígio político e a soberania de cada regime. As pressões resultantes da Guerra Fria foram sentidas nas disputas esportivas causando grande rivalidade entre os atletas. A mídia difundiu esse confronto, inflamando os sentimentos nacionalistas das populações (16, 22).

A União Soviética iniciou sua participação nos Jogos Olímpicos em Helsinque, 1952, disposta a mostrar ao mundo as excelências do comunismo. Na edição anterior dos jogos, em Londres, 1948, a nova potência mundial preferiu não comparecer e medir forças com a hegemonia esportiva dos EUA. Ao invés de participar, enviou técnicos e pesquisadores para analisar os atletas e os métodos de treinamento do mundo capitalista. Nos quatro anos seguintes, o governo soviético destinou grandes recursos a projetos esportivos, visando formar atletas de alto nível que representassem a ideologia comunista nos jogos. Em Helsinque, teve início uma disputa paralela à olimpíada, o confronto ideológico entre os dois blocos antagonistas dentro dos recintos esportivos. Essa disputa ideológico-esportiva se estendeu pelas outras edições dos jogos, culminando com os boicotes dos Jogos de Moscou em 1980 e Los Angeles em 1984 (6).

Em dezembro de 1979, a União Soviética impôs uma intervenção militar ao Afeganistão, após uma seqüência de golpes de estado e conflitos civis. O interesse soviético no Afeganistão vinha de seu posicionamento geográfico, que dava acesso ao Oceano Índico. O governo dos EUA, presidido por Jimmy Carter, exigiu a retirada das tropas soviéticas do Afeganistão, ameaçando comandar um boicote internacional aos Jogos Olímpicos de Moscou em 1980. A exigência não foi atendida e a ação política dos Estados Unidos promoveu um boicote envolvendo 61 países, prejudicando sensivelmente essa edição dos Jogos. Em retaliação ao boicote americano, a União Soviética se negou a participar das Olimpíadas de Los Angeles em 1984. O boicote soviético teve menor abrangência devido a uma grande campanha do COI, que conseguiu convencer muitos países a participarem dos Jogos (6, 16).

A posição do Comitê Olímpico Internacional

Coubertin criou nos Jogos Olímpicos, principalmente nas cerimônias de abertura e encerramento, rituais paralelos que inflamam o patriotismo e ao mesmo tempo o internacionalismo. Ele acreditava nos dois conceitos e colocou-os simultaneamente nos Jogos, ostentando ideologias contraditórias. A realização dos Jogos incita nas





peças o sentimento nacionalista, exaltando as cores de sua pátria, seus símbolos, bandeiras e hinos. No entanto, o nacionalismo exacerbado cria hostilidades entre os países participantes dos jogos, à medida que se confundem fatos políticos e rivalidades históricas com a disputa esportiva (17).

O Comitê Olímpico Internacional adotou uma postura decisiva para reduzir o nacionalismo exagerado nos Jogos Olímpicos. Em 1990 foi redigida uma carta olímpica condenando a influência política externa nos Jogos, (17). Os principais pontos da carta são:

- Não haverá discriminação racial, religiosa ou política contra qualquer país ou pessoa participante dos jogos;
- Não serão atribuídos pontos e não será determinada uma nação como vencedora dos Jogos Olímpicos;
- Não será permitida qualquer propaganda ou manifestação de cunho político, religioso ou racial.

O esporte e o mundo contemporâneo

O uso político do esporte esteve submetido às relações interestatais do Sistema Internacional, as ações visavam manter o equilíbrio de poder, evitando a possibilidade constante de guerra. O Esporte foi usado em ações estratégicas e em propagandas políticas dos países e seus regimes de governo. Na década de 80, o esporte foi inserido, definitivamente, no sistema econômico mundial e passou a ser um mecanismo financeiro sob influência das corporações transnacionais (1).

A década de setenta serviu como laboratório para a inclusão do esporte no mercado mundial. Naquela época as grandes confederações esportivas internacionais, tais como a FIFA (Federação Internacional de Futebol) e o COI (Comitê Olímpico Internacional), perceberam o crescente valor do esporte para a mídia e passaram a negociar cifras cada vez maiores sobre os direitos de transmissão televisiva dos campeonatos internacionais e dos Jogos Olímpicos (24).

Os Jogos Olímpicos de Los Angeles marcaram a entrada do Esporte na economia mundial. O Comitê Olímpico Internacional vendeu, pela primeira vez, o evento à iniciativa privada por meio de contratos de patrocínio. No entanto, o grande fluxo de capital recebido pelo esporte só foi possível graças à crescente valorização esportiva na mídia. Devido ao grande poder de audiência do esporte, os patrocinadores surgiram em grande número e a mercantilização do Esporte gerou um lucro inédito aos organizadores dos Jogos Olímpicos. Desde então, os eventos esportivos passaram a ter a parceria de grandes empresas. Esta relação com o mercado mundial evoluiu para as instituições esportivas, as confederações, federações, as ligas e os clubes passaram a negociar o esporte como um produto de consumo.

Este alinhamento do esporte aos entres econômicos seguiu a ótica das políticas neoliberais consolidadas na década de 80. Os Estados nacionais passaram a ter menos influência política e as corporações transnacionais mais influência econômica. A desestatização do esporte e a inclusão do mesmo no mercado mundial caracterizaram as mudanças impostas pela globalização (4, 5, 16, 19).

O processo de mercantilização do esporte transformou as federações internacionais e o Comitê Olímpico Internacional em grandes corporações financeiras transnacionais, que teceram uma rede de filiais por todo o mundo através dos Comitês Olímpicos nacionais e das confederações nacionais. Estas corporações esportivas mantêm relacionamentos comerciais com grandes empresas patrocinadoras, tais como a Coca Cola, a Nike e a Adidas.

O volume de capital envolvido nas transações de patrocínio de eventos, de equipes e de venda de direitos de transmissão, gera interesses que ultrapassam as necessidades da prática esportiva. São interesses voltados ao mercado alvo, horários de transmissão, locais sede dos eventos, oportunidades comerciais. Estes interesses econômicos provenientes das relações entre as instituições esportivas, empresas patrocinadoras e corporações de mídia acabam por influenciar diretamente a realização esportiva, proporcionando mudanças nas regras dos jogos, horários de partidas desfavoráveis à prática esportiva, mas ideais para a audiência televisiva, valorização excessiva do espetáculo e do show em detrimento das características da modalidade esportiva.

Considerações finais

Durante todas as eras históricas, o homem teve suas manifestações corporais e atléticas usadas para fins outros que não a prática em si. Este fato parece bastante comum nos tempos antigos, quando estas atividades faziam parte de outras instituições sociais, tais como a religião, a preparação militar ou guerreira, ou ainda a educação e preparação dos jovens para as tarefas da vida adulta.

No entanto estas atividades antigas não podem ser consideradas como esporte, pois este é um fenômeno moderno que surgiu a partir da regulamentação de jogos populares e da institucionalização oriunda do associacionismo clubístico. Com isso o esporte passou a representar um conjunto de atividades que possuem fim em si mesmas. As atividades esportivas modernas visam a melhor condição e desempenho humano, buscam o refinamento das habilidades com o intuito da competitividade e da vitória (4).

Porém, mesmo após a definição do esporte como instituição independente, continuou a ocorrer sua utilização por outras instituições da sociedade, assim como ocorria na antiguidade. Os valores do esporte foram usados pela sociedade civil, pela iniciativa privada, por instituições estatais e órgãos governamentais, por divisões militares, instituições educacionais e religiosas.

Assim, o fenômeno que tem por finalidade elementar a prática de atividades corporais, foi apropriado por outras instituições, em função de seus valores e de sua fácil instrumentalização.

A instrumentalização do esporte seguiu uma tendência paralela ao desenvolvimento histórico da sociedade mundial. Foi utilizado pela burguesia como elemento disciplinador, higienista e alienador no berço da revolução Industrial, precedente do capitalismo. Foi usado como ferramenta de propaganda dos Estados, inflamando valores nacionalistas e até raciais, como no caso da Alemanha nazista. Também serviu de instrumento de intimidação política, estratégica e





ideológica durante a Guerra Fria, quando o mundo se encontrava dividido em dois blocos políticos antagonistas. Finalmente foi incorporado ao mercado mundial seguindo as tendências neoliberais da globalização.

Estes fatos demonstram uma influência direta dos acontecimentos da sociedade no âmbito esportivo e se devem a neutralidade interna do esporte, que não produz ideologia própria e se torna susceptível a instrumentalização da sociedade (4).

Atualmente o esporte é caracterizado como uma mercadoria da Indústria Cultural. O acesso a sua prática, ou seja, seu consumo está baseado nas leis de mercado. Os grandes eventos esportivos são vitrines deste produto, divulgados amplamente na mídia constroem heróis que alimentarão este mercado.

Contudo, apesar das influências sofridas e da utilização para fins políticos e econômicos, o esporte mantém em sua configuração primária, o embate esportivo, seus princípios fundamentais: a busca pelo ideal da vitória e o intuito de ser o melhor. Estes fatores, apoiados na regulamentação esportiva, sustentam a legitimidade do esporte.

Referências Bibliográficas

1. ARON, R. *Os últimos anos do século*. Rio de Janeiro, Guanabara, 1987.
2. BINDER, D. "Olimpism" Revisited as context for global education: Implications for Physical Education. *Quest*, 53, 14-34, 2001.
3. BRZEZINSKI, Z. *EUA x URSS: o grande desafio*. Rio de Janeiro, Nórdica, 1989.
4. BRACHT, V. *Sociologia Crítica do Esporte: uma introdução*. Vitória, UFES, Centro de Educação Física e Desportos, 1997.
5. CAGIGAL, J. M. El deporte en la sociedad actual. In *Obras Selectas*. Madrid: Comité Olímpico Español, 1996.
6. CARDOSO, M. *Os Arquivos das olimpíadas*. São Paulo, Panda, 2000.
7. COUBERTIN, P. *Memórias Olímpicas*. Lausanne, Bureau Internacional de Pedagogia Deportiva, 1965.
8. ELIAS, N.; DUNNING, E. *Deporte y ocio en el proceso de la civilización*. México, Fondo de Cultura Económica, 1992.
9. GODOY, L. *Os Jogos Olímpicos na Grécia Antiga*. São Paulo, Editora Nova Alexandria, 1996.
10. GONZÁLEZ, J. I. B. Introducción. In *Materiales de sociología del Deporte*. Madrid, Las ediciones de La Piqueta, 1993.
11. GRIFI, G. *História da Educação Física e do Esporte*. Porto Alegre, D. C. Luzzatto Editores, 1989.
12. HENRY, B. *História de los juegos olímpicos*, Barcelona, Hispano-Europea, 1955.
13. HOBSBAWM, E. *Era dos extremos: O breve século XX: 1914-1991*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.
14. HOLMES, J. *Olimpíada-1936: glória do Reich de Hitler*. Rio de Janeiro, Rénes, 1974.
15. JAGUARIBE, H. *Um estudo crítico de história*. São Paulo, Paz e Terra, vol.2, 2001.
16. LANCELOTTI, S. *Olimpíada 100 anos – História completa dos Jogos*. São Paulo, Nova Cultural, 1996.
17. LUCAS, J. A. *Future of the Olympics Games*. Champaign, Human Kinetics, 1992.
18. MARINHO, I. P. *História geral da educação física*. São Paulo, Cia. Brasil, 1980.
19. MOTA, M. B.; BRAICK, P. R. *História: das cavernas ao terceiro milênio*. São Paulo, Moderna, 1997.
20. PILATTI, L. A. Reflexões sobre o Esporte Moderno: Perspectivas Históricas. In *I Prêmio INDESP de literatura desportiva*. Brasília: Instituto Nacional de Desenvolvimento do Desporto, 1999.
21. RAMOS, J. J. *Os exercícios físicos na história e na arte*. São Paulo, IBRASA, 1982.
22. RIORDAN, J. *Sport in Soviet Society*, Cambridge, Cambridge University, 1977.
23. RUBIO, K. *O Atleta e o mito do herói: O imaginário esportivo contemporâneo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.
24. SIMSON, V. ; JENNINGS, A. *Os senhores dos anéis – Poder, dinheiro e drogas nas Olimpíadas Modernas*. São Paulo, Best Seller, 1992.
25. SOUZA, B. C. *História da educação física*. Escola de Educação Física da Polícia Militar do Estado de São Paulo, 1975.

